
Um escrito tupi do capitão Simão Soares Parayba (1645)

A Tupi writing by Chieftain Simão Soares Parayba in August, 1645

Ruth Monserrat, Cândida Barros and Bartira Ferraz Barbosa



Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/corpusarchivos/4218>

DOI: [10.4000/corpusarchivos.4218](https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.4218)

ISSN: 1853-8037

Publisher

Diego Escolar

Electronic reference

Ruth Monserrat, Cândida Barros y Bartira Ferraz Barbosa, « Um escrito tupi do capitão Simão Soares Parayba (1645) », *Corpus* [En línea], Vol. 10, Nº. 2 | 2020, Publicado el 18 diciembre 2020, consultado el 29 diciembre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/corpusarchivos/4218> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.4218>

This text was automatically generated on 29 December 2020.

Licencia Creative Commons: Atribución-NoComercial 2.5 Argentina (CC BY-NC 2.5 AR)

Um escrito tupi do capitão Simão Soares Parayba (1645)

A Tupi writing by Chieftain Simão Soares Parayba in August, 1645

Ruth Monserrat, Cândida Barros and Bartira Ferraz Barbosa

Introdução

O Arquivo Nacional de Haia, na Holanda, conserva correspondências de cinco índios potiguara do século XVII: Antônio Filipe Camarão, Diogo da Costa, Diogo Filipe Camarão, Pedro Poti e Antônio Paraupaba. Na lista de letrados potiguara, incluímos “oCapp^{am} Simão Soares Parayba”, autor de pós-escrito acrescentado a uma carta do capitão Antônio Filipe Camarão de 19 de agosto de 1645. ¹

O capitão Simão Soares não foi reconhecido como um dos potiguaras letrados do período devido à tradução que o pastor Johannes Edward fez do pós-escrito em julho de 1646. Ao relatar o conteúdo da carta de Camarão para a Companhia das Índias Ocidentais, Edward mencionou que havia uma mudança de caligrafia no documento, mas não identificou o autor do trecho citado: “Em baixo da carta se encontra escripto, com outra letra, o seguinte [...]” (Souto Maior, 1913, p. 406)

Como o acesso ao conteúdo da carta em tupi de Antônio Filipe Camarão (e portanto ao pós-escrito) ficou restrito à tradução para o português a partir da versão holandesa, realizada por Souto Maior (1913, p. 406), permaneceu desconhecida a participação escrita do capitão Simão Soares Parayba na troca de correspondência entre índios potiguara de lados opostos na guerra colonial luso-holandesa.

O objetivo deste trabalho é reunir autor (Simão Soares) e texto (pós-escrito de 1645). Inicialmente fizemos o levantamento dos dados biográficos do autor, em especial os que transparecem nas cartas potiguara seiscentistas. A análise do pós-escrito, por sua vez, foi feita com base nas escolhas linguísticas e discursivas que o autor empregou, observando-se se elas estariam presentes em outras cartas de 1645.

Capitão Simão Soares Parayba ou Jagoarari

O potiguara Simão Soares foi “capitão de índios” na guerra luso-holandesa da primeira metade do século XVII. A principal fonte de dados biográficos sobre ele é o livro *Memória diária da guerra do Brasil*, de Duarte Albuquerque Coelho ([1^o edição:1654] Moraes e Silva 1855), oficial na guerra luso-espanhola contra os holandeses. Coelho relata nove anos da guerra, entre 1630 a 1639. Apresenta Soares de maneira diferente, segundo quem o nomeava. Ele é “Simão Soares” para os portugueses (“nos”), e Jaguarary para os potiguara (“os seus”): “Chamava-se entre nós Simão Soares, e entre os seus Jaguarary” (Coelho [1654] apud Moraes e Silva, 1855, p. 73). Ele mesmo se auto-identificava como “oCapp^{am} Simão Soares Parayba” (Soares, 1645).

Simão Soares pertencia à geração anterior à dos cinco potiguara anteriormente citados, a se levarem em conta os termos de parentesco a ele atribuídos em cartas tupi e na literatura da guerra luso-holandesa de Coelho. No livro de Coelho (1654), Antônio Filipe Camarão é sobrinho de Soares (Moraes e Silva, 1855, p. 73). Na carta de Antônio Filipe Camarão a Pedro Poti (4 outubro de 1645), o autor refere-se a Soares como sendo “*nde ruba*” do destinatário, ou seja, ‘teu pai, tio, ou primo do pai, segundo definição de um catecismo jesuítico em tupi (Araújo, 1952 [1618], p. 116r).

Para situar a trajetória de Soares na guerra colonial, partiremos da periodização de Evaldo Cabral Mello (2010) da presença holandesa no Nordeste. Ela ocorreu em dois momentos de duração desigual (Mello, 2010). O primeiro se refere à conquista de Salvador e da Baía da Traição entre 1624 e 1625. O segundo, mais longo, é o da invasão a Pernambuco entre 1630 e 1654 e está subdividido em três fases; 1630-1637: conquista pelos holandeses da região e resistência luso-brasileira; 1638-1645: período de paz relativa, associado ao governo de Maurício de Nassau; e, finalmente, 1645-1654: final da guerra e restauração da região por parte dos portugueses, momento também chamado de Insurreição Pernambucana (Mello, 2010).

Bruno Miranda (comunicação pessoal) acrescenta que a “circulação desses escritos incitando a deserção pode ter relação com a dificuldade dos portugueses de expulsar os neerlandeses após as vitórias em Tabocas e Casa Forte (ambas ocorridas no mês de agosto de 1645, após a eclosão da rebelião, no mês anterior)”.

Índios potiguara participaram de todas essas fases, em ambos os lados em guerra. O capitão Simão Soares atuou como aliado ora dos holandeses (1625), ora dos portugueses (após 1633). Durante o processo de expulsão dos franceses do Maranhão pelos portugueses em 1614-1615, Soares fez parte do exército de índios comandados pelo mameluco Jerônimo Albuquerque, capitão-mor da Capitania do Rio Grande do Norte e, mais tarde, também capitão-mor do Maranhão (Vainfas, 2000, p. 325). Soares era então um aliado dos portugueses. Ele se associou aos holandeses em 1625, quando da passagem desses pela Baía da Traição. Com a saída dos holandeses, foi preso pelos portugueses, permanecendo por oito anos (1625-1633) encarcerado no Forte dos Reis Magos (Natal). A literatura que relata a retomada de Salvador e da Baía da Traição (Paraíba) (Guerreiro, 1625, e Tamayo de Vargas, 1628) não faz menção ao aprisionamento de índios, como este de Simão Soares. Todas as obras enfatizam a presença de um discurso de punição (‘não dar quartel’) e informam quantos índios foram mortos e escravizados. O fato de Simão Soares ter sido poupado poderia indicar sua potencialidade como futura liderança aliada dos portugueses.

Possível referência a sua prisão se encontra na carta ânua de Antônio Vieira referente ao período de 1624/1625 (apud Moraes, 1860, p. 120), na qual o autor menciona a prisão pelos portugueses de três líderes indígenas rebeldes (não nomeados), dois dos quais teriam sido entregues ao capitão português do Rio Grande, e o terceiro enforcado.

Soares foi solto em 1633, quando os holandeses estavam prestes a atacar o Forte de Reis Magos. Nessa ocasião foi-lhe oferecido o perdão e feita uma proposta de sua incorporação como aliado militar dos portugueses. Tal mudança de status político transparece no relato de Coelho sobre um discurso público feito por Soares em aldeias potiguara, ao sair da prisão. A performance, recriada literariamente por Coelho na primeira pessoa do singular (“eu” Simão Soares), é dirigida a destinatários plurais (“vós”, os índios aldeados na Paraíba).

Aqui me vêdes nú, e com os signaes ainda frescos dos ferros que oito anos suporrei, por ter comunicado com os Holandezes na bahia da Traição, no intento de tirar minha mulher e filho que lá estavam. Havendo-me vencido amor, não me valeu ter provado bem minha fidelidade nos muitos anos que servi ao rei, e particularmente na conquista do Maranhão, com muita gente mais, quando Jeronymo de Albuquerque o ganhou dos franceses. Daquela prisão me soltarão agora, por estarem os Hollandezes sobre o Forte do Rio Grande, que, a não ser isso, bem receiava eu morrer nos ferros. Porém nada ha de ser bastante para manchar minha antiga fidelidade com o qual sempre servi e servirei ao meu rei. Portanto, rogo-vos que ella voz sirva de exemplo, e não de escandalo, o tratamento que soffri; porque se o Forte se perder, advirta-vos que todos vos retireis com vossa famílias para onde vos fôr ordenado pelos capitães d’el rei, para que nunca venhais a cahir no poder do inimigo. Escusareis assim a ver-vos em uma infame servidão. E se o nosso Forte se defender, daqui os iremos socorrer com o que nos fôr possível. Entenda finalmente cada um de vós que se qualquer faltar a obrigação de bom e leal vassalo do nosso rei, eu lhe servirei de verdugo” (Coelho, 1654 apud Moraes e Silva, 1855, pp. 73-74).

Na passagem, Soares, ao mesmo tempo em que pede o apoio dos potiguara aos portugueses (“rogo-vos”), ameaça-os caso se aliem aos holandeses (“eu lhe servirei de verdugo”). Essa ambivalência está presente tanto na carta de Antônio Filipe Camarão de 19 de agosto de 1645 como no pós-escrito de Simão Soares.

O apoio de Soares à rendição dos índios pró-holandeses aos portugueses se repete na carta de Camarão para Pedro Poti em 4 de outubro de 1645. O capitão Simão Soares é referido como apoiando a rendição de Poti. O remetente afirma que Iagoarari (*nde ruba* / ‘teu pai’ do destinatário) e o avô Araruna apoiavam a “saída” dele (*tererúr cenocéma* ‘que saias trazendo’).

Emonãnamo nde ramÿia tuibaé araruna nde rúba iagoárari amó, opabenhé nhãde anáma tererúr cenocéma co bae tecó maé (carta de Camarão a Pedro Poti, 4 de outubro de 1645)²

Dessa maneira, teu avô, o velho Araruna, teu pai Iagoarari, outro, todos os nossos parentes, [querem] que saias trazendo estas coisas.

Como se verá adiante no pós-escrito de Soares, a raiz tupi *sem-* (sair e, num contexto de guerra, retirar-se) está presente também no pós-escrito de Simão Soares, indicando fazer parte do léxico da rendição político-militar desse período. Não fica explicitado o que seriam as ‘coisas’ (*maé*) que deveriam ser trazidas na saída de Poti, mas subentende-se que isso era do conhecimento do destinatário.

A menção a Soares/Iagoarari como respaldando o oferecimento de rendição por Camarão indica o papel de credor que ele teria junto aos potiguara pró-holandeses.

Cartas tupi do período da Insurreição Pernambucana

A elite potiguara, listada anteriormente, dominava a escrita em mais de uma língua (português por parte dos aliados dos portugueses, e holandês, pelos pró-holandeses). Antônio Paraupaba, por exemplo, deixou assinada uma Representação em holandês (Hulsman, 2006, p. 65). Da mesma forma, Simão Soares fez pedido de mercê para sua mulher e seu filho em português (Coelho, 1654 apud Moraes e Silva, 1855). Antônio Filipe Camarão certificou, em português, a boa conduta do padre Alexandre do Couto (Camarão, 1648), assim como respondeu em português a um oferecimento de perdão por parte dos holandeses (Camarão em Carta 1648).

Poder-se-ia argumentar que alguns pedidos de mercê e representações foram redigidos por escrivães. Na contramão dessa hipótese, pode-se afirmar que em todos os textos sempre transparece o domínio dos índios sobre a cultura escrita e sobre o modo de fazer uso dela como estratégia sócio-política.

Dessa diversidade de experiências de gêneros textuais e de línguas, destacaremos somente o conjunto documental em tupi, arquivado na Holanda, listado no quadro abaixo. A numeração incluída em colchetes é aquela atribuída no Arquivo Nacional de Haia a seis das cartas que receberam tradução do Pastor Edward:

Tabela Nº 1 - A correspondência em tupi no Arquivo de Haia

Remetente	Destinatário	Data	Tradução para o português
Diogo Pinheiro Camarão [1]	Pedro Poti	21 de outubro de 1645	Theodoro Sampaio (1906) Navarro (1998) Cerno e Obermeir (2013)
Di[o]go da Costa [2]	Pedro Poti	17 de outubro de 1645	Theodoro Sampaio (1906) Cerno e Obermeir (2013)
Antônio Filipe Camarão [3]	Antônio Paraupaba	4 de outubro de 1645	
Antônio Filipe Camarão [4]	Pedro Poti	4 de outubro de 1645	
Diogo Pinheiro Camarão [5]	Para 4 capitães	21 de outubro de 1645	
Antônio Filipe Camarão [6]	Destinatários coletivos não nomeados	19 de agosto de 1645	
Simão Soares [6]	Destinatários coletivos não nomeados	agosto de 1645	

Imagem Nº 1

O seu tradutor, Johannes Edward, de origem inglesa, chegou a Recife em 1639 como presbítero e retornou para a Holanda, por motivos de saúde, em 1643 (Schalkwijk, 2004, p. 219).

As seis correspondências em tupi guardadas no Arquivo Nacional de Haia, com datas entre junho e outubro de 1645, poderiam levar a pensar, erroneamente, que a prática de escrita entre os potiguara teve início apenas a partir da Insurreição Pernambucana (junho de 1645). Algumas convenções gráficas textuais presentes nessas cartas, porém,

tais como encerramento, rubrica e assinatura, indicam uma maturidade no domínio da escrita que antecederia àquela conjuntura político-militar.

A abordagem da escrita por suas práticas e convenções gráficas foi proposta por Neumann e Boidin (2017) e Boidin (2017), em seus trabalhos sobre as cartas indígenas guarani, mas ela é válida também para analisar a escrita em tupi, para a qual não temos documentação extensa com autoria indígena.

Os encerramentos das cartas potiguara apresentam uma convenção gráfica própria. Eles contêm frases deslocadas espacialmente em relação ao texto principal, seguidas de datação e assinaturas cristalizadas e formais. Um exemplo é a carta de Antônio Filipe Camarão de 19 de agosto de 1645 (carta [6], Imagem N° 2). A figura abaixo teve o trecho com o pós-escrito escurecido:



Imagem N° 2. Carta de Antônio Filipe Camarão, 19/agosto/1645(cartá [6])

A regularidade da assinatura de Antônio Filipe Camarão pode ser observada em outra carta assinada por ele em 4 de outubro de 1645 (carta [3], Imagem N° 3):

Imagem Nº 3. Assinatura de Antônio Filipe Camarão, 4/outubro/ 1645 (carta [3])

Ele encerra essa última carta com os seguintes dizeres:

OPabenhẽ Perúba Capp^{am} mor Camaraõ

Vosso pai de todos [vós] Capitão mor Camarão.

As rubricas são postas no alto do fôlio, como se vê na carta reproduzida acima (carta [6], Imagem Nº 2). Mesmo o pós-escrito de Soares, posicionado num espaço restrito do papel, não deixa de conter uma rubrica (carta [6], Imagem Nº 4)

Imagem Nº 4. Assinatura e rubrica do capitão Simão Soares

Falta avaliar se a rubrica foi usada pelos potiguara com a função habitual de autenticação da autoria, ou se eles teriam agregado outra atribuição a tal convenção gráfica.

Acresce, ademais, que o fato de termos cartas escritas por um grupo de potiguara unicamente após o início da Insurreição Pernambucana (1645-1646) e de que todas elas abordam o tema da rendição, poderia indicar que apenas nessa conjuntura político-militar a Companhia das Índias Ocidentais manifestou interesse pela guarda e tradução de documentos com ela relacionados, para coleta de informações sobre o inimigo e

como butim de guerra. A partir desse momento a administração da Companhia se preocupou em recolher os escritos em tupi, enviá-los para a Holanda e fazê-los traduzir por pessoal de sua confiança, como o ex-pastor em Recife Johannes Edward. Há no Arquivo Nacional de Haia várias cartas em português apreendidas naquele período (Galindo e Hulsman, 2001).

O pós-escrito de Simão Soares

O pastor Johannes Edward, ao traduzir para o holandês a carta de Camarão de 19 de agosto de 1645 [6], a pedido da Companhia das Índias Ocidentais, explica que não conseguiu ler todas as palavras daquela correspondência, mas que havia apreendido seu sentido geral (Souto Maior, 1913, p. 402). Ela foi resumida como exortação de Camarão ao grupo de potiguara pró-holandeses a que se transferissem para o lado dos portugueses, dada a perda de poder dos seus aliados europeus. No final dela, Camarão promete “perdaõ geral” (em português, inserido no texto tupi):

xeçui aimeegatui pone perdaõ Geral peémene

xeçui a-imee-gatu ipo ne perdaõ geral peeme ne (Antônio Filipe Camarão, carta [6])³

por mim eu por certo darei perdaõ geral a vocês

Uma análise da estruturação dessa carta mostra que, após seu encerramento com data e assinatura de Antônio Filipe Camarão, foram acrescentados na mesma folha dois pós-escritos, por nós destacados em caixas numeradas na Imagem N° 5.

A inserção de pós-escritos depois do encerramento da carta indicaria que houve uma mudança na conjuntura política referida pelo autor, e que ele os teria incluído como reforço da oferta de rendição contida na carta.



IMAGEM N° 5. Passagem da carta [6] com os pós-escritos.

Os primeiros pós-escritos (caixas 1 e 2 na Imagem N° 5) são, ao que tudo indica, do próprio Camarão. Conteúdo do primeiro pós-escrito:

ige naripig ramo peico marana mo Ayuru rujuba

igana r-ipig-ramo peico maranamo Ajurujuba

enganados [desde] o começo vocês porque Ajurujuba

oi meëquan Coigoig Cera

o-imeëg uan coig-oig cera

ele se rendeu[entregou] já agorinha parece

iba çupe

iba çupe

para eles

Emonana mo pei Cugua pereco

Emonanamo pe-icugua pe-reco,

Assim, vós conheceis vossa situação

O segundo pós-escrito (caixa 3) é separado graficamente do anterior por uma linha horizontal. Ele está no fim do fôlio e continua na margem esquerda (caixa 4), posicionado verticalmente ao texto. Os dois trechos são assinados e rubricados por capitão Simão Soares.

Segue a transcrição, tradução e análise dos dois trechos do pós-escrito de Simão Soares no interior da carta de Camarão. Em notas de pé de página incluímos uma transcrição de caráter operacional contendo alterações ortográficas (mudança de *aha* para *aé*, por exemplo), segmentação morfológica e inclusão de pontuação:

1º trecho, disposto horizontalmente (Imagem Nº 6)

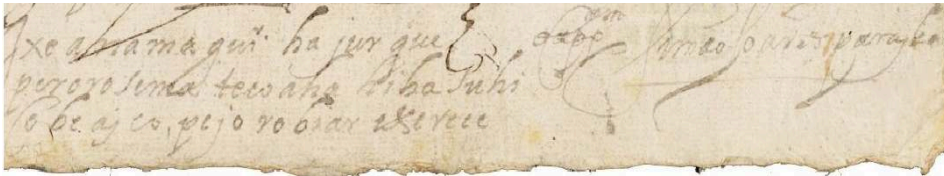


Imagem Nº 6

Ixe anama qui ha jur gue⁴

pererosema teco aha hiba suhi⁵

Co be aj co, pejo ro biar ixe reçe⁶

Capp^{am} Simão Soares parayba

2º trecho, posicionado verticalmente em relação à carta (Imagem Nº 7)



Imagem Nº 7

Tipor aj pogui

Che nhe en ga.

O quadro abaixo retoma, na primeira coluna, a transcrição paleográfica, à qual foi acrescentada numeração para cada linha. A segunda e terceira colunas contêm, respectivamente, as traduções de Ruth Monserrat e do Pastor Edward (consultada na tradução para o português de Pedro Souto Maior, 1913, p. 407). Os números visam facilitar o cotejo das traduções.

Tabela Nº 2 - Com traduções da passagem de Simão Soares

<i>Texto tupi do pós-escrito de Simão Soares</i>	<i>Tradução Ruth Monserrat</i>	<i>Tradução do holandês de Pedro Souto Maior</i>
[1] <i>Ixe anama gui ha jur gue</i>	[1] Oh. eu sou <u>parente</u> , eu vim	[1] Eu vim, ó amigos,
[2] <i>pererosema teco aha hiba suhi</i>	[2] [para] tirar-vos dessa vida má	[2] para vos livrar do mal;
[3] <i>Co be aj co, pejo ro biar ixé reçe</i>	[3] Eis-me aqui, confiaí (crede) em mim	[3] aqui estou presente. Acreditae, pois é verdade”
[4] <i>oCapp^{am} Simão Soares parayba</i>	[4] <i>oCapp^{am} Simão Soares parayba</i>	
[5] <i>Tipor aj pogui</i>	[5] Ó, que se cumpram	
[6] <i>Che nhe en ga.</i>	[6] essas minhas palavras	

Imagem Nº 8

Alguns traços linguísticos e discursivos do escrito de Soares

Ortografia

A separação gráfica de algumas palavras e certas escolhas de letras no pós-escrito de Soares não seguem a forma canônica da tradição de escrita seja dos jesuítas seja dos potiguara seus parentes (em Camarão, por exemplo na mesma carta), como exemplifica o quadro abaixo:

Tabela Nº 3 Comparativa das ortografias usadas na carta [6]

Soares (1645)	Camarão (1645)
<i>che [6] / ixé [1]</i>	<i>Xe</i>
<i>Ahiba [2]</i>	<i>Aiba</i>
<i>Suhi [2]</i>	<i>Çuj, cui</i>

Imagem Nº 9

A escrita de Soares se distancia da de seus contemporâneos potiguara quando insere com certa regularidade “h” entre sequências de duas vogais (*aha / ahiba / suhi*) ou na

primeira pessoa singular do verbo [*ha jur*]. Compare-se esta última forma com a canônica com [a]:

[1] *Ixe anama gui hajur gue* (Simão Soares) [escrita canônica: ... *ajur*]

[1] Oh, eu sou parente, eu vim

As escolhas de Soares suscitam a questão (que não cabe aprofundar neste trabalho) sobre a origem de tal discrepância ortográfica: teria tido o autor contato maior com outra tradição de escrita tupi que não a dos jesuítas portugueses? O que se sabe é que a aldeia na região da Baía da Traição estava sob a tutela dos beneditinos e não dos jesuítas (Meuwese, 2012, p. 133), fato que talvez explique a discrepância entre a ortografia de Soares e a dos demais potiguara.

De outro lado, as escolhas ortográficas de Soares indicam que a homogeneidade na escrita em tupi não foi condição imprescindível para a legibilidade/compreensibilidade da língua na prática de letramento dos potiguara.

Destinatários coletivos

Tanto a carta de Antônio Filipe de agosto de 1645 como o pós-escrito de Simão que a acompanha são dirigidos a destinatários coletivos que, embora não nomeados, podem ser identificados pela presença do pronome de segunda pessoa plural [*pe-*]:

*Aimodo Uenhe xenheega opauenhe peeme xeraigrata perauçupaé perecomo nhagáua*⁸ (Antônio Filipe Camarão, 19 de agosto de 1645, [6])

Mando novamente a minha fala a todos **vós** meus filhos prezando-**vos** bem e a **vossos** feitos

[2] *pe-rerosema teco ahe ahiba suhi* (Simão Soares, 1645)

[para] **vossa** saída comigo [para tirar-**vos**] dessa vida má

[3] *pe-gerobiar ixe rece* (Simão Soares, 1645)

confiai em mim

O direcionamento coletivo expresso pelos pronomes escolhidos mostra que a recepção da carta pelos destinatários deveria ser feita através da leitura oral pública.

Parentesco como argumentação política

As cartas potiguara usam frequentemente o léxico de parentesco como argumento discursivo de aliança política. Empregam termos como: *r-ubete* ‘pai verdadeiro’ e *r-aigra* ‘filho’ como se vê na carta de Antônio Filipe Camarão (19 de agosto de 1645). Ele a encerra intitulado-se “pai de todos”

Opabenhé pe rúba Capp^{tam} mor Camarão

O **pai de todos vós** Capitão mor Camarão (Antônio Filipe Camarão para Antônio Paraupaba, 4 de outubro de 1645)

Também Soares se vale de termos de parentesco, dirigindo-se aos destinatários como ‘parentes’ (*anama*) logo na primeira linha de seu pós-escrito:

[1] *Ixe anama gui, ha-jur gue*

Oh, eu sou parente, eu vim

Edward traduziu *anama* como amigos (tradução de Souto Maior, 1913, p. 406), o que revela a dimensão política desse termo, distinto da forma definida pelos jesuítas no catecismo (Araújo, 1618, p. 116r) como ligado predominantemente à consanguinidade. Nas cartas, os termos de parentesco ganham o sentido de relações de aliança política.

Escrita como *nheenga*

Tanto Soares (1645) como Antônio Filipe Camarão (19 de agosto de 1645) utilizam a palavra *nheenga* ('fala') para caracterizar seus escritos.

Aimodo Uenhe xenheega opauenhe peeme xeraigrata perauçupaé perecomo nhagáua ⁹(Antônio Filipe Camarão)

Mando novamente a **minha fala** a todos vós meus filhos, prezando-vos bem e a vossos feitos.

[5] *Tipor aj po gui [6] Che nhe en ga*¹⁰. (Simão Soares)

[5] Oh, que se cumpra [6] essa minha fala

A caracterização da carta como *nheenga* aponta para a aproximação de sua escrita à oralidade, expressa, por exemplo, no uso do recurso discursivo do paralelismo, útil no contexto da construção de alianças militares, como veremos a seguir.

Uso do paralelismo:

Os estudos de Boidin (2017) sobre cartas escritas pelos guarani em sua língua no século XVIII destacam o traço do paralelismo como um dos indícios de oralidade presente na escrita. Em cartas em tupi de Filipe Camarão, o paralelismo está presente nos dois trechos subsequentes:

Aimodo Uenhe xenheega opauenhe peeme xeraigrata perauçupaé perecomo nhagáua ¹¹

*Aimodo uenhe peeme maranamo opauenhe perubete ramo guitecoboé pereco Catu Canhema çuj*¹² (Camarão, 19/8/1645)

Mando novamente minha fala a todos vós meus filhos, prezando-vos bem e a vossos feitos.

Mando também a vós como pai verdadeiro de todos vós, vós estais perdidos.

Na pequena passagem do pós-escrito de Soares, há um paralelismo com a marca de vocativo *gui* (grafado também com a variante *gue*) usado três vezes:

[1] *Ixe anama **gui**, ha-jur **gue***

Oh, eu sou parente, eu vim

[5] *Tipor ajpo **gui** che *nheenga**

Oh, que se cumpram essas minhas palavras [fala]

Conclusão

O trabalho aborda um trecho marginal escrito em tupi, acrescentado no final da página e na margem esquerda de uma das cartas do capitão potiguara Antônio Filipe Camarão. Apesar de periférico, o pequeno texto permite vislumbrar algumas questões referentes à prática da escrita potiguara e ao capitão Simão Soares.

A inclusão do nome de Simão Soares entre os potiguara letrados permite afirmar que o domínio da escrita entre a elite indígena no século XVII foi mais amplo temporalmente do que se pensava até agora. O fato de Soares pertencer a uma geração anterior à dos potiguara Filipe Camarão, Pedro Poti e Antônio Paraupaba, atesta que a prática de escrita entre aqueles índios teria se iniciado anteriormente à época da Insurreição Pernambucana e que não se teria limitado a ela.

Quanto a Simão Soares, pode-se afirmar que seu pós-escrito em carta de Filipe Camarão de 1645 e a menção a ele em carta deste último para Pedro Poti no mesmo ano, revela o papel que o Capitão da Paraíba teve como legitimador da proposta de perdão oferecida por Antônio Filipe Camarão aos potiguara pró-holandeses.

É mister reconhecer, além disso, que o pós-escrito de Simão de 1645 e seu discurso em primeira pessoa singular, recriado literariamente por Coelho (1654), resgatam a tradição do discurso público como parte do cerimonial dos exércitos de índios, confirmada pelos resultados da análise, que mostram a inclusão de elementos da oralidade, próprios do discurso de negociação de aliança política-militar (“*nheenga*”), nas práticas da escrita indígena.

Em suma, o pós-escrito de Simão Soares, como a carta de Camarão [6], chamadas por eles de *nheenga* (‘fala’), revelam a incorporação —na produção de escrita em tupi— da argumentação por meio de termos de parentesco e por marcas da oralidade (como paralelismo e construções com vocativo) visando à construção de alianças político-militares.

BIBLIOGRAPHY

Araújo, A. de. (1952). *Catecismo na língua brasílica*. (fac-símile da edição de 1618). Rio de Janeiro: Olímpica.

Boidin, C. (2017). Mot guarani du pouvoir, pouvoir des mots guarani. *Dossier pour l’habilitation*. Paris: Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle.

Camarão, Antônio Filipe. (1645). Carta em tupi para Antônio Paraupaba (do Rio Grande). 4 de outubro de 1645. *Arquivo Nacional de Haia*. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 55, 04-10-1645.

- Camarão, A. F. (1645). Carta para Pedro Poti (da Paraíba). 4 de outubro de 1645. *Arquivo de Haia*. NL-HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 53, 04-10-1645.
- Camarão, Antônio Filipe. (1645). Carta em tupi para destinatários não nomeados. 19 de agosto de 1645. *Arquivo de Haia*. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 57, 19-08-1645
- Camarão, A. F. (1648). Certidão afirmando a boa conduta e esforços do clérigo Alexandre do Couto. Pernambuco, 29/04/1648. 8 páginas. Cópia. *Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*.
- Camarão, D. P. (1645). Carta em tupi para Pedro Poti (da Paraíba). 21 de outubro de 1645. *Arquivo de Haia* HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 52, 21-10-1645
- Camarão, D. P. (1645). Carta para 4 capitães. 21 de outubro de 1645. *Arquivo de Haia*. HaNA OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 54, 21-10-1645.
- Carta dos holandeses, oferecendo o perdão a todos os rebeldes que se renderem a seu domínio e respostas dos brasileiros, João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Antônio Felipe Camarão e Henrique Dias, em nome de todos os defensores do Brasil na luta contra a Holanda. (1648). *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Manuscrito, cópia)*.
- Costa, D. (1645). Carta para Pedro Poti. 17 de outubro de 1645. *Arquivo de Haia*.
- Cerno, L. e Obermeier, F. (2013). Cartas de indígenas potiguaras de las Guerras Holandesas en el Brasil (1645-1646). *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana*, 3(1), 1º semestre.
- Coelho, D. A. (1654). *Memorias diarias de la guerra del Brasil [...]* [...] por discvrso de nveve años, empeçando desde el de M.DC.XXX escritas por Dvarte de Albvqverqve Coello... a la catolica magestad del rey don Felipe Qvarto. Madrid: Diego Diaz de la Carrera, Impresor del Reyno.
- Galindo, M. e Hulsman, L. (2001). *Guia de fontes para a história do Brasil Holandês para a História do Brasil Holandês*. MINC, Brasília/ Fundação Joaquim Nabuco/Recife.
- Guerreiro. B. (1625). *Jornada dos vassalos da coroa de Portugal, pera se recuperar a cidade de Salvador, na Bahya de Todos os Santos, tomada pollos olandezes, a oito de mayo de 1624. & recuperada ao primeiro de mayo*. Lisboa: Mattheus Pinheiro. Imprensa à custa de Francisco Alvarez liureiro.
- Huslman, L. (2006). Índios do Brasil na República dos Países Baixos: As representações de Antônio Paraupaba para os Estados Gerais em 1654 e 1656. *Revista de História*, 154(1), 37-69.
- Mello, E. C. (ed.). (2010). *O Brasil Holandês*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Meuwese, M. (2012). *Brothers in arms, partners in trade: Dutch-Indigenous alliances in the Atlantic World. 1595-1674*. Leiden /Boston: Brill.
- Moraes, A. J. de M. e Silva, I. A. de S. (1855). *Memorias diárias da guerra do Brasil por espaço de nove anos, começando em 1630 deduzidas das que escreveu o Marquez de Basto, Conde e senhor de Pernambuco. Typographia de M. Barreto. Rio de Janeiro*. Disponível em <https://archive.org/details/memoriasdiarias00bastgoog/page/n1>
- Moraes, A. J. de M. (1860). *Corographia Historica, cronographica, genealógica, mobiliaria e política do Imperio*. Tomo IV. Tipographia Brasileira. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179475>.
- Navarro, E. de A. (1998). *Método Moderno do Tupi Antigo. A língua do Brasil dos primeiros séculos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Neumann, E. S. e Boidin, C. (2017). A escrita política e o pensamento dos Guarani em tempos de autogoverno (c.1753). *Revista Brasileira de Historia*, 37(75), 97-118.

- Sampaio, T. (1906). Cartas tupis dos Camarões. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, 12(68).
- Schalkwijk, L. (2004). *Igreja e Estado no Brasil Holandes*. Editora Cultura Cristã.
- Soares, Simão. (1645). Pós-escrito em Camarão, Antônio Filipe (1645), Carta em tupi para destinatários não nomeados. 19 de agosto de 1645. *Arquivo de Haia*. HaNA_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 62, doc. 57, 19-08-1645.
- Souto Maior, P. (1912). Dous índios notáveis e parentes próximos Pedro Poty e Philippe Camarão. *Revista do Instituto Histórico Arqueológico Pernambucano*, 15.
- Souto Maior, P. (1913). Fastos Pernambucanos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 75, Tomo 1.
- Tamayo de Vargas, T. (1628). *Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todas-Sanctos, en la provincia del Brasil. Por las armas de don Philippe IV. el grande, rei catholico de las Españas i Indias, &c. / Don Thomas Tamaio de Vargas su chronista*. Madrid: por la viuda de Alonso Martin.
- Vainfas, R. (2000). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Editora Objetiva: São Paulo.

NOTES

1. A pesquisa documental das cartas potiguara foi realizada por Bartira Barbosa. Gabriel de Cassio Pinheiro Prudente fez a transcrição diplomática inicial. As traduções do tupi para o português são de Ruth Monserrat. O trabalho teve apoio do programa PCI do CNPq, do Museu Goeldi e da John Carter Brown Library (Brown University). Agradecemos a essas instituições. Somos gratas a Bruno Miranda, Capucine Boidin e Gabriel Prudente pelos comentários a respeito da versão final do trabalho.
2. Os negritos foram acrescentados ao longo do trabalho para realçar passagens dos documentos em tupi.
3. A segunda linha no trabalho apresenta a segmentação morfológica provável da passagem em tupi.
4. Ixe anama gui, ha-jur gue.
5. pe-rerosema teco ahe ahiba suhi
6. Cobe ajco, pe-jerobiar ixé rece
7. T-ipor ajpo gui che nheenga
8. Aimodo ue-nhé xenheega opaue-nhé peeme xeraigra(e)ta pe-rauçúpa é [enfático] perecomonhagáua
9. Aimodo uenhé xe-nheega opauenhé pee-me xe-raigra(e)ta pe-rauçúpa é [enfático] pe-recomonhagáua, Antônio Filipe Camarão, 19 de agosto de 1645.
10. t-ipor ajpo gui che-nheng.
11. Aimodo ue-nhé xenheega opaue-nhé peeme xeraigra(e)ta pe-rauçúpa é [enfático] perecomonhagáua.
12. Aimodo ue-nhe peeme maránamo opaue-nhé pe-rub-eté-ramo guitecóbo é, perécó catu canhema çuj .

ABSTRACTS

This study examines a post scriptum document in Tupi language signed by the Potiguara Chieftain Simão Soares, introduced in a letter produced in the same language by the fellow Potiguara Chieftain Antônio Filipe Camarão in August 19th, 1645. The objectives of this work are: to compile bibliographical information about the post scriptum author, and in what concerns the text itself, we aim to transcribe it paleographically, translate it to Portuguese and analyze it linguistically and discursively.

O trabalho analisa um pós-escrito em tupi assinado pelo potiguara capitão Simão Soares, introduzido em carta na mesma língua do também potiguara capitão Antônio Filipe Camarão em 19 de agosto de 1645. Os objetivos do trabalho são: levantar dados biográficos do autor do pós-escrito e, em relação ao texto, transcrevê-lo paleograficamente, traduzi-lo para o português e analisá-lo do ponto de vista linguístico e discursivo.

INDEX

Keywords: Potiguara indians, Tupi language, indigenous writing, Luso-Dutch war

Palavras-chave: potiguara, língua tupi, escrita indígena, guerra luso-holandesa

AUTHORS

RUTH MONSERRAT

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Correo electrónico: ruth.monserrat@gmail.com

CÂNDIDA BARROS

Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil
Correo electrónico: mcandida.barros@gmail.com

BARTIRA FERRAZ BARBOSA

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Correo electrónico: bartiraferraz@yahoo.com.br